

A PESTE DE ATENAS (430 a.C.)

Tucídides

Assim foi o funeral que se realizou durante este Inverno, com o qual o primeiro ano de guerra chegou ao seu termo. Nos primeiros dias do Verão seguinte, os Espartanos e os seus aliados, com dois terços das suas forças, como da vez anterior, invadiram a Ática, sob o comando de Arquidamo, filho de Zêuxis, rei de Esparta, e começaram a pilhagem e a devastação do território. Poucos dias depois da sua chegada à Ática, a peste começou a manifestar-se no meio dos Atenienses. Diz-se que previamente havia aparecido em muitos lugares, na vizinhança de Lemnos e noutros sítios. Mas não havia memória de uma epidemia desta magnitude e com tão elevado grau de mortalidade. De nada serviram, inicialmente, os físicos, ignorantes que eram da maneira adequada de tratar a doença. Ainda por cima, foram dos mais atingidos pela morte, uma vez que eram as pessoas que mais vezes contactavam os doentes. Nem houve arte humana alguma que conseguisse melhores resultados. Súplicas nos templos, previsões e tudo o resto provaram ser igualmente fúteis até que a esmagadora natureza do desastre lhes veio pôr um fim.

Diz-se que teve o seu início nas regiões altas da Etiópia sobranceiras ao Egipto, daí descendo para o Egipto e a Líbia e penetrando na maior parte dos domínios do Rei. Surgindo abruptamente em Atenas, começou por flagelar a população do Pireu – o que deu origem a que dissessem que os Peloponésios haviam envenenado os reservatórios de água, dado não possuírem poços – e, depois, apareceu na parte alta da cidade, altura em que os casos mortais passaram a ser muito mais frequentes. Toda a especulação acerca da sua origem e das suas causas, se é que é possível encontrar causas capazes de produzir tão grande devastação, é assunto que deixo ao cuidado de outros escritores, sejam eles leigos ou profissionais. Por mim, narrarei simplesmente a sua natureza e explicarei os sintomas pelos quais talvez esta epidemia possa ser reconhecida pelos estudiosos, se algum dia voltar a aparecer. Isto posso fazer com conhecimento de causa, porque eu próprio fui atingido pela doença e observei a sua evolução noutras pessoas.

Aquele ano, no que concerne ao aparecimento de doenças, fora considerado duma benignidade sem precedência, mas todas as poucas pessoas que então adoeceram acabaram por estar entre as vítimas da epidemia. Mas, regra geral, não foi encontrada uma causa evidente para a praga. As pessoas que pareciam gozar de boa saúde foram, subitamente, atacadas de febres altíssimas na cabeça e de vermelhidão e inflamação nos olhos, em partes interiores, tais como a garganta e a língua, as quais ficavam em chaga e provocavam um hálito inusual e fétido. Estes sintomas eram seguidos de espirros e rouquidão, após o que não tardavam a aparecer as dores no peito e uma tosse profunda. Quando se fixava no estômago, era causa de dores, seguindo-se vômitos de bílis, de todos os tipos que os físicos conheciam, acompanhados de um sofrimento muito grande. Na maior parte dos casos, seguiam-se ânsias de vômito, sem descarga, produzindo violentos espasmos, os quais, nalguns casos, logo paravam, mas noutros casos só desapareciam muito tempo depois. Externamente, o corpo não ficava muito quente à apalpação, nem era pálida a sua aparência. Notava-se era a vermelhidão, a lividez e a erupção de pequenas pústulas e úlceras. Mas internamente a temperatura era tão elevada que o paciente não aguentava estar vestido com roupas de linho, mesmo o de qualidade mais ligeira, preferindo a completa nudez. O que lhes apeteceria mesmo era poderem lançar-se para dentro de água fria, o que era mesmo o que faziam os doentes a quem ninguém prestava auxílio, os quais se atiravam para dentro das cisternas nas suas agonias ávidas de água, apesar de não fazer qualquer diferença, para o tratamento da doença, a maior ou menor quantidade de líquidos ingeridos. Além disto, a miserável sensação de não ser capaz de descansar ou dormir nunca deixava de os atormentar. Entretanto, o corpo não enfraquecia enquanto a doença estava no seu ponto mais alto, mostrando uma grande resistência aos seus ataques. De tal modo que, quando os doentes sucumbiam – na maior parte dos casos no sétimo ou oitavo dia da inflamação interna –, ainda eram detentores de algum vigor. Mas se passassem esta fase e se a doença descesse para os intestinos, causando-lhe uma violenta ulceração acompanhada de diarreia, então sobrevinha uma grande fraqueza que, geralmente, era fatal. A doença, que de início atacava a cabeça, fazia o seu

percurso, a partir daí, para todo o corpo, e, mesmo quando não causava a morte, deixava as suas marcas nas extremidades, nomeadamente as partes íntimas, os dedos das mãos e dos pés. Muitos sobreviveram com a perda destes, outros com a perda dos olhos. Outros, ainda, ficavam com uma total perda de memória quando iniciavam o restabelecimento, não sabendo quem eram nem reconhecendo os seus amigos.

Mas enquanto a natureza do mal tornava confusa qualquer descrição e os seus ataques demasiado severos para serem suportados pela natureza humana, foi ainda nas circunstâncias seguintes que a sua diferença para as doenças ordinárias mais claramente se fez notar. Todas as aves de rapina e alimárias que costumam comer carne humana ou se abstinham de lhes tocar (embora houvesse muitos cadáveres que jaziam insepultos) ou morriam depois de os comer. Como prova deste facto, foi notado que as aves de rapina desapareceram por completo. Mas, claro, os efeitos que mencionei poderiam ser melhor estudados num animal doméstico, como o cão.

Eram estas, então – se não tivermos em conta as variedades de casos particulares, que eram muitas e peculiares –, as características gerais da doença. Enquanto isso, a cidade ficou livre de todas as doenças habituais, ou, se algum caso se verificou, acabou numa situação de peste. Alguns morreram por terem sido completamente negligenciados, outros, pelo contrário, quando eram alvo de todas as atenções. Nenhum remédio que se dissesse ser específico para este caso foi descoberto, porque o que fazia bem num caso, noutra fazia mal. Constituições robustas e frágeis provaram ser igualmente incapazes de resistir, todos por igual sendo afectados, mesmo quando objectos das maiores precauções. A característica mais terrível da doença era, de longe, o abatimento que se seguia quando alguém se sentia a adoecer, porque o desespero em que imediatamente caía lhe retirava a vontade de resistir, deixando o enfermo como presa fácil da doença. Além disso, havia o espectáculo horrível de seres humanos a morrer como carneiros, por terem sido contagiados enquanto acudiam uns aos outros. Foi esta, de resto, a causa de tão elevada mortalidade. Por um lado, se tivessem receio de se visitar, pereciam por falta de cuidados (muitas casas encontravam-se vazias dos seus moradores, por não disporem de uma enfermeira). Por outro lado, se se arriscassem a fazê-lo, a consequência era a morte. Era este o caso, especialmente, daqueles que consideravam como ponto de honra a ajuda aos necessitados, o que fazia com que se não poupassem nos cuidados prestados nas casas dos seus amigos, onde mesmo os membros da família estavam tão exaustos que nem forças tinham para os habituais lamentos pelos que agonizavam, sucumbindo à força do desastre. Mas era naqueles que se haviam restabelecido da doença que os enfermos e os que estavam prestes a falecer encontravam maior compaixão. Esses sabiam, por experiência própria, o que era a doença, e, agora, já não temiam pela sua saúde. É que nenhum ser humano era atacado duas vezes – pelo menos de forma fatal. E estas pessoas não só recebiam as felicitações das outras, mas também elas próprias, na euforia do momento, quase alimentavam a vã esperança de terem, para o futuro, ficado imunes de qualquer tipo de doença.

Um agravamento da calamidade existente foi causada pelo influxo do campo para a cidade, e isto verificou-se, especialmente, entre os recém-chegados. Como não havia casas para os acolher, tinham que ser alojados, durante a estação quente, em barracas mal arejadas, onde a mortalidade atacou sem piedade. Os corpos dos mortos amontoavam-se uns em cima dos outros e criaturas meias-mortas cambaleavam pelas ruas e juntavam-se à volta de todos os fontanários no seu desespero por água. Os lugares sagrados, em que também alguns se tinham alojado, encontravam-se pejados de cadáveres de pessoas que aí haviam morrido, tal como estavam. À medida que a catástrofe passava todos os limites, os homens, não sabendo o que lhes iria acontecer, tornavam-se completamente indiferentes a tudo, fosse sagrado ou profano. Todos os rituais de enterramento usados anteriormente eram inteiramente postos de lado, sendo os corpos sepultados conforme era possível. Muitos, por falta dos necessários meios de enterramento, dado tão grande número de amigos terem já falecido, recorriam às formas mais desavergonhadas de sepultura. Por vezes, chegavam junto de uma pira erguida por outros e lançavam para cima dela o corpo que traziam, lançando-lhe fogo de seguida. Outras vezes, era já para cima de uma pira em chamas que arremessavam o corpo que carregavam e iam à sua vida.

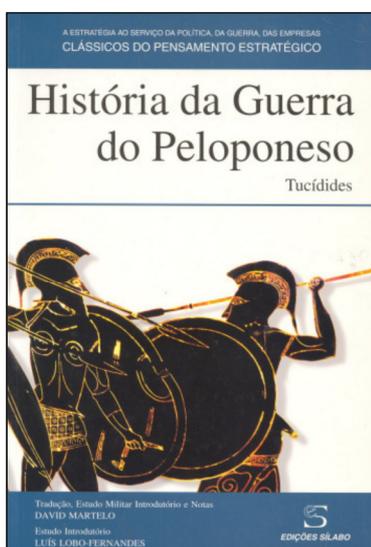
Não era esta a única forma de desvario sem lei que devia a sua origem à praga. Os homens, agora, atreviam-se a fazer às claras o que, anteriormente, procuravam fazer sem dar nas vistas, vendo as rápidas mutações produzidas, com pessoas das mais prósperas a morrerem e aqueles que anteriormente nada possuíam a ficar com os bens que lhes pertenciam. Por isso, resolviam gastar rapidamente tudo o que tinham, do modo mais prazenteiro, olhando a sua riqueza como coisa de um só dia. A perseverança naquilo que os homens chamam de honra era sentimento que ninguém respeitava, tão incerto era se seriam poupados de modo a poderem alcançar um fim qualquer. A regra que se seguia era a do gozo do presente, e, tudo o que contribuía para esse desiderato passara a considerar-se honroso e útil. O medo dos deuses e das leis dos homens era bem pouco para lhes pôr freio. Quanto aos primeiros, pensavam que tanto fazia que lhes orassem como não, porque, de qualquer modo, viam todos a perecer. Quanto às últimas, ninguém esperava viver o tempo suficiente para ser levado a julgamento por causa das suas ofensas, antes sentiam que uma pesada pena havia já sido lavrada contra todos eles, estando suspensa sobre as suas cabeças. Pelo que, antes que lhes caísse em cima, era justo que não pensassem noutra coisa senão em gozar um pouco da vida.

Assim era a natureza da calamidade e pesadamente ela se abateu sobre os Atenienses. A morte campeando na cidade e a devastação no seu exterior. Entre outras coisas de que se lembravam no seu sofrimento estava, muito naturalmente, o seguinte verso que os anciãos afirmavam ter sido revelado havia muito tempo:

Virá uma guerra dória e com ela a peste.

Mas, então, levantou-se uma discussão sobre se a última palavra seria fome [limos] ou peste [loimos]. Naquela conjuntura, é claro que prevaleceu a opinião de que era a segunda a palavra correcta, de modo que o povo pudesse compatibilizar a sua memória com o sofrimento passado. Creio, no entanto, que, se depois disto outra guerra dória nos bater à porta e se vier acompanhada de uma grande fome, o verso será lido de maneira diferente, de acordo com a circunstância. Também o oráculo que havia sido enviado aos Espartanos era agora recordado por aqueles que dele tinham conhecimento. Quando a divindade havia sido interrogada sobre se deviam ir para a guerra, respondeu que, se eles pusessem em campo todo o seu poderio, seriam vitoriosos, e que, então, estaria a seu lado. Com este oráculo, os acontecimentos pareciam bater certo, porque a praga apareceu assim que os Peloponésios invadiram a Ática e nunca entrou no Peloponeso (pelo menos numa amplitude digna de notícia), produziu a maior devastação em Atenas, e, nas suas proximidades, nas outras cidades mais densamente povoadas. Foi esta a história da praga.

História da Guerra do Peloponeso – Livro Segundo – Capítulo VII



Tradução de David Martelo